

SIMONE WEIL: TRABALHO E LÚDICO ENTRELAÇADOS

Paulo de Salles Oliveira¹

Simone Weil nasceu na França em 3 de fevereiro de 1909. Foi professora, militante socialista, pensadora e, por opção, tornou-se operária. “Há coisas” – diz ela – “que eu não poderia dizer se não as tivesse feito”. Não escreveu livros, mas deixou inúmeros escritos. Destacam-se aqui as acuradas reflexões sobre o cotidiano de trabalho na fábrica. Somente vieram à luz depois de sua morte, em 24 de agosto de 1943, quando então contava 34 anos de idade. Tornou-se mais conhecida no Brasil graças ao precioso volume organizado por Ecléa Bosi.² Entre os ensinamentos que, a cada leitura, sua obra sugere, está a artificialidade da separação entre trabalho e lazer.

“O pensamento deve estar constantemente pronto ao mesmo tempo para seguir o curso monótono de gestos indefinidamente repetidos e para encontrar em si próprio recursos para remediar o imprevisto. Obrigação contraditória, impossível, exaustiva. O corpo está às vezes esgotado, de noite, à saída da fábrica, mas o pensamento está sempre esgotado, mais ainda que o corpo. Quem passou por esse esgotamento e não o esqueceu, pode reconhecê-lo nos olhos de quase todos os operários que desfilam à saída da fábrica. Que bom seria poder depositar a alma, à entrada, no cartão de ponto e retomá-la, intacta, na saída! Mas é o contrário que se dá. Ela vai com a gente para a fábrica, onde sofre; de noite este esgotamento como que a anulou, e as horas de lazer são inúteis.” (Experiência da vida de fábrica)

Os lazeres seriam inúteis porque – mesmo que as pessoas com eles se entretivessem – não poderiam restituir a integridade corpo e alma, que se dilacerou naquele tipo de atividade. Significa, além disso, que também no lazer podemos anular nossa possibilidade expressiva quando o praticamos maquinal ou sofregamente, divorciando a prática do

¹ Professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP. Endereço para correspondência: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bl. A, 05508-900 – São Paulo – Brasil.

² WEIL, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Trad. de T. G. G. Langlada, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. Organização e introdução de Ecléa Bosi. Todas as referências remetem a este texto.

pensamento. Uma vez que a totalidade de nosso ser não se refaz, de pouco valeria a ânsia de diversão, ainda que pretensamente nos permitisse evadir, fugir ou nos desviar daquele tormentoso ajuste de contas com nossa consciência. As sensações são fugazes, enganosas, primárias no seu imediatismo, por isso não são capazes de nos sustentar, a não ser momentaneamente.

Experimentar sensações está longe de promover nosso encontro com a vida real, pois, diferentemente daquelas, encontrar-se com a vida implicaria uma atividade, exercício do pensamento e da ação. Simone alerta uma aluna:

*“Se você insiste em tomar por principal objetivo conhecer todas as sensações possíveis – o que é normal na sua idade, com estado de espírito passageiro – não irá muito longe. Preferiria ouvir você dizer que quer entrar em contato com a vida real. Talvez você pense que é a mesma coisa, mas, na verdade, é exatamente o contrário. Há pessoas que só viveram **de e para** sensações: André Gide é um exemplo. Na realidade, elas são enganadas pela vida e, como o sentem confusamente, caem sempre numa profunda tristeza, ficando reduzidas ao recurso de se atordoarem, mentindo-se miseravelmente a si próprios. É que a realidade da vida não é a sensação, é a atividade – refiro-me à atividade tanto no pensamento quanto na ação.”* (Carta a uma aluna)

Ceder cegamente às sensações faz as pessoas parasitas, pois este abandono nos distanciaria da promoção da sensibilidade, que potencialmente existe dentro de nós. A busca frenética por experimentar, sempre e sempre, novidades sensoriais nos faria meros consumistas vorazes, ou seja, nos reduziria ao invés de engrandecer.

“Os que vivem de sensações são, afinal, material e moralmente, meros parasitas em relação aos homens que trabalham e que criam; só esses são homens. E mais, estes últimos que não buscam sensações, no entanto, as recebem e bem mais vivas, bem mais profundas, menos artificiais e mais verdadeiras do que os que as buscam.” (Carta a uma aluna)

Ao se voltar centralmente para as sensações, uma outra questão emerge: a instrumentalização das pessoas numa dada interação. Simone não tem meias palavras para explicitar sua posição:

"(...) a procura de sensação supõe um egoísmo que me horroriza. Evidentemente, ela não impede o amor, mas leva a considerar os seres amados como simples oportunidade de gozar ou de sofrer, e a esquecer completamente que eles existem por si mesmos. Vive-se no meio de fantasmas." (Carta a uma aluna)

Assinala a autora que entre as pessoas – e, em especial, entre os operários que foram seus colegas - encontrou quem tivesse *generosidade de coração* e quem contrariasse tais práticas de moldagem do outro segundo o impulso de nossos desejos ou interesses; embora não fosse comportamento praticado por todos, indistintamente, conheceu pessoas que se mostraram incapazes de nutrir indiferença pelo sofrer alheio. Concentra-se nestas personagens e observa como reservavam espaço para gestos solidários, sensíveis às dificuldades que o outro enfrentava. Não perderam a capacidade de perceber o drama vivido pelo companheiro e, além disso, a prontidão de imediatamente ajudar de alguma maneira, oferecendo os braços em socorro ou encorajando com força interior verdadeira. Vamos aos exemplos concretos:

"Na minha frente, um soldador, sentado, de óculos azuis, muito sério, trabalha minuciosamente; cada vez que a dor vinca meu rosto, ele me manda um sorriso triste, cheio de simpatia fraterna. Que bem isso me faz!" (Carta a Albetine Thévenon)

"(...) O esgotamento e as dores de cabeça me fazem perder completamente o domínio de meus movimentos. Não consigo abaixar a tampa do forno. Um caldeireiro se precipita e abaixa para mim. Que gratidão por esses momentos! Também quando o garotinho me acendeu o forno e me mostrou como abaixar a tampa com um gancho, com muito menos trabalho.(...) Basta que eu cruze com o garoto cantor do forno que tem um bom sorriso (...) que ouça no vestiário uma troca de brincadeiras mais alegres – este pouquinho de fraternidade me põe tanta alegria na alma que, durante algum tempo, não sinto mais o cansaço." (Diário da fábrica)

"(...) Na fábrica reparei o quanto é paralisante e humilhante não se ter vigor, jeito, segurança na mira (...) Nunca seria demais recomendar-lhe que exercitasse ao máximo seus músculos, mão, olhos. Sem este

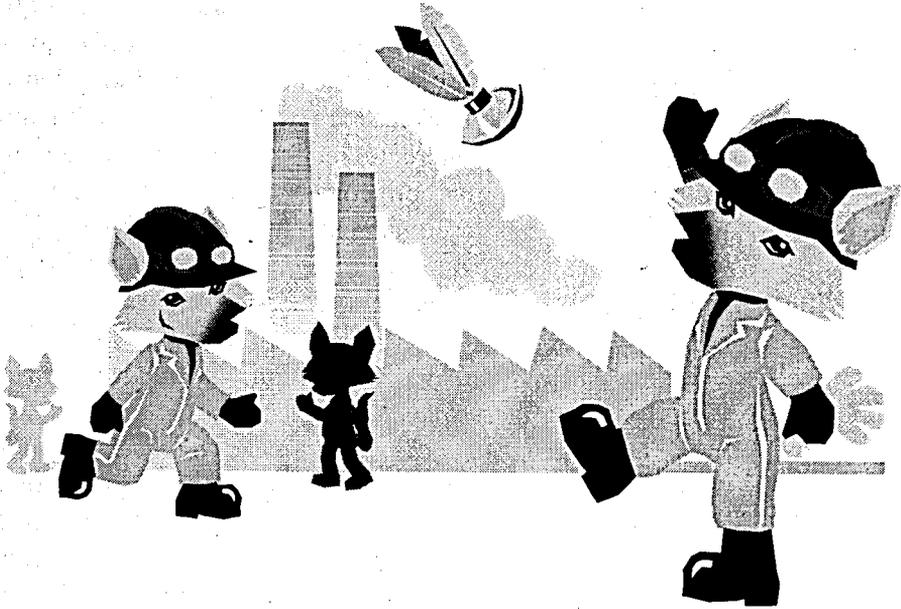
exercício a gente se sente, de um modo todo especial, incompleto.”
(Carta a uma aluna)

Quem poderia dizer destes operários que são seres rudes, toscos, ignorantes? No entanto, para exteriorizar um gesto solidário tiveram que superar inibições, bloqueios, silêncios e variadas formas de opressão que o trabalho lhes impôs, dia-a-dia. Souberam preservar a dimensão coletiva, superando o sofrer cotidiano, que mais inclina ao silêncio, ao retraimento, à reclusão. O outro não lhes era indiferente; recusaram-se a pensar apenas em si próprios e a pouco se importar com coisas que, aparentemente, não eram suas. A grandeza desta superação não fez outra coisa senão ensejar a Simone a especial ocasião de distinguir a solidariedade em esconderijos nos quais, dificilmente, saberíamos discernir, sem seguir seu olhar:

“Dentro deste ambiente, um sorriso, uma palavra, uma palavra de bondade, um instante de contato humano, têm mais valor que as mais dedicadas amizades entre os privilegiados, grandes ou pequenos. Só aí se sabe o que é fraternidade humana”. Pena que isso não possa (ainda) generalizar-se. Adverte a autora que tal procedimento “existe pouco, muito pouco. O normal é que o relacionamento – mesmo entre companheiros – seja um reflexo da dureza que tudo domina lá dentro.”
(Carta a Albertine Thévenon)

A aridez no interior da fábrica se traduz no embrutecimento da alma, tornando-a refratária à dor coletiva e, ao mesmo tempo, consagra o estreitamento da percepção, edificando o individualismo e incentivando o isolamento. Simone, portanto, não idealiza e tampouco mitifica a vida societária entre operários. Acompanha, porém, e se detém diante dos dissidentes. Dos que teimam em ser solidários em contexto adverso. Divisa na fábrica situações em que as ações podem ser estimulantes: quando a tarefa traz responsabilidade, quando possibilita pensar, quando desafia o gênio humano a criar uma saída para o impasse. Tais momentos são o oposto da rotina, dos gestos mecanizados, do trabalho fragmentado. Conferem sentido àquilo que se faz e isto se aplica não apenas ao trabalho; vale igualmente para o lúdico. Por isso, em geral, é preciso ir mais devagar. A velocidade dificulta o raciocínio, o tempo de refletir; favorece gestos e atitudes maquinais, ou, noutras palavras, desumanizam o fazer.

"Ignorar totalmente aquilo em que se trabalha é excessivamente desmoralizante. Não se tem o sentimento de que um produto resulta dos esforços que se estão fazendo." (Diário da fábrica)



Não se trata, pura e simplesmente, de pensar em trabalhos que gerem apenas prazer. Eles não existem. Quando há um obstáculo que demanda engenhosidade e raciocínio, eis aí uma tarefa estimulante. A alma humana se machuca quando se dá o diametralmente oposto: a ocupação em obrigações inúteis.

E mais: a opressão não necessariamente gera, em tudo e em todos, movimentos de contestação; às vezes suscita alheamento e submissão. Por isso, é notável o feito das pessoas que não se renderam. Pode-se imaginar quão sombrio é

"Bater o ponto, vestir-se, sair da fábrica com o corpo esvaziado de toda energia vital, a alma oca de pensamentos, o coração mergulhado no desgosto, raiva muda e, acima de tudo isso, um sentimento de impotência e submissão.(...) A irritação é boa para os que comandam; para os que obedecem, proibida." (A vida e a greve dos metalúrgicos)

Quando a angústia se revela na contração dos rostos, uma outra ameaça sempre latente ronda a atmosfera e não foge à memória: a vaga ocupada seria disputada, de bom grado, por milhares de desempregados.

“Como não é natural para um homem transformar-se em coisa, e como não há coação visível (chicote, cadeias), é preciso dobrar-se a si próprio em direção a esta passividade.” (A vida e a greve dos metalúrgicos)

Este quadro, poder-se-ia argumentar, está viciado por coisas do passado. Não existiria mais, sobretudo em organizações modernas. Se o relógio de ponto foi abolido, a prática de controle – dentro e (em muitos casos) fora da empresa – com certeza não o foi. Alunas da USP, que hoje trabalham em matrizes brasileiras de empresas financeiras internacionais, sediadas na Avenida Paulista, em São Paulo, são testemunhas de que até mesmo conversar com colegas (sem prejuízo das atribuições destinadas) é um comportamento reprimido por seus chefes, pois, “quem entrasse, o que iria dizer? Que nós não temos o que fazer aqui na seção?”

Por ter experimentado na pele toda a força dramática do que escreve, Simone alerta para a superficialidade da bandeira da redução das horas de trabalho. Quem suportaria ser escravo *apenas* algumas horas e conseguiria ser sujeito de sua história no período restante? A fragmentação dos tempos atende a uma lógica da produtividade capitalista, não as necessidades da condição humana.

E se os salários fossem maiores? Ainda assim, permaneceria intocável o raciocínio contábil. Claro que – sobretudo para as classes populares – pequenas quantias significam garantia de sobrevivência, hoje. Mas, se a meta é a humanização das relações sociais, é preciso reconhecer que

“Os sofrimentos suportados numa fábrica por causa da arbitrariedade patronal pesam tanto na vida dum operário quanto as privações passadas fora da fábrica pela insuficiência dos salários.” (A racionalização)

Deste modo, uma compreensão menos imediatista da sociedade iria promover atividades produtivas à altura das necessidades sociais e, simultaneamente, da especificidade do que convém ao gênero humano. Se os números são reais, os sofrimentos – embora impalpáveis e intradutíveis

nas cifras – também o são. Ilusão pensar que algum lazer restaurador ou compensatório desse conta deste complexo cenário.

O problema de como conciliar as necessidades sociais da produção com as necessidades humanas está a exigir de todos nós uma atenção mais detida. A questão posta por Simone Weil permanece até hoje sem resposta. Certo que ela é bastante intrincada e que vários encaminhamentos são possíveis. Mas, quem dela está se ocupando? Se as conquistas tecnológicas não estiverem sintonizadas com esta delicada questão é sinal que a própria produção científica precisaria cercar-se de mais atenção e humildade, caso não queira colocar-se, conscientemente ou não, a serviço de múltiplos massacres.

A autora sugere uma direção: um regime de trabalho em que se soubesse que *"há algo a se fazer e (que se trata) de um esforço que pode ser cumprido (...); que se soubesse, momento a momento, que parte se está construindo (...) e que lugar (isto) ocupa na sociedade."* (Experiência da vida de fábrica).

Numa sociedade que fosse capaz de abrigar um tal regime de produção, quem ousaria interromper uma tarefa para arejar o pensamento? Quem poderia pensar em dilacerar uma totalidade, na qual o lúdico se incorpora no próprio fazer, conferindo identidade, brilho e sentido àquilo que se produz?

Por isso, as propostas de Simone Weil podem ser sempre companhia luminosa na compreensão solidária de nossos destinos comuns.